REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 56
JULHO A SETEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 56: ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

ENTRE ATALHOS, BECOS E DRIBLES: ENCONTROS E DESLOCAMENTOS NO MORRO DO QUILOMBO

BETWEEN SHORTCUTS, ALLEYS AND DRIBBLES: ENCOUNTERS AND DISPLACEMENTS IN MORRO DO QUILOMBO

Mauricio Igor
Debora Pazetto

Resumo: Apresentamos um conjunto de proposições artísticas realizadas por Mauricio Igor a partir do deslocamento de sua terra natal, Belém (PA), em direção a Florianópolis (SC). Um corpo afro-amazônico percorre o país de norte a sul e encontra, na região mais embranquecida, ao lado da universidade, o Morro do Quilombo, suas histórias e seus moradores. Por meio de diálogos entre os autores, as produções artísticas realizadas na localidade são apresentadas sob um contexto que envolve questões socioeconômicas, memórias, narrativas, resistências e existências.

Palavras-chave: Casa. Memória. Morro do Quilombo.

Abstract: We present a set of artistic proposals made by Mauricio Igor after moving from his native land, Belém (PA), towards Florianópolis (SC). An Afro-Amazonian body travels through the country from north to south and finds, in the most whitewashed region, next to the university, the Quilombo hill, its stories and its inhabitants. Through dialogues between the authors, the artistic productions made in the locality are presented in a context that involves socioeconomic questions, memories, narratives, resistances and existences.

Keywords: Home. Memory. Morro do Quilombo.

A kitnet era pequena, ficava atrás da última casa, então era preciso fazer toda a subida até chegar às escadas aos fundos. Ela possuía três cômodos: a sala, que era junto à cozinha; o quarto com uma cama de casal e o banheiro logo em frente.

Ao procurar lugar para morar, meu intuito era estar perto da Udesc e pelo menor valor possível. Há vários prédios próximos à universidade, mas todos com aluguel bem acima do que eu poderia pagar. Os menores preços, geralmente, ficam nos morros. Isso foi uma das primeiras coisas que estranhei, pois Belém é uma cidade plana e aqui é cheio de subidas e descidas. Fiz uma visita e não achei a subida difícil, a casa ficava logo no início do morro. Percebi que em pouco tempo me acostumaria.



Certo dia, ao sair de casa, olhei o ônibus que descia o morro: 173 Morro do Quilombo. Foi, ao me deparar com o ônibus e com a placa da rua que fica logo na entrada do morro, a Rua do Quilombo, que me atentei ao nome da localidade. Quilombo.

Nunca tinha vindo à Região Sul antes. A branquitude com a qual eu iria me deparar sempre foi uma das questões que me faziam refletir sobre esse deslocamento. Então, sem uma intenção inicial, eu morava num lugar chamado quilombo. Não conseguia parar de pensar no Morro do Quilombo e suas possíveis histórias.

Durante o intervalo de uma aula de Teoria e História da arte VII, fui falar com Debora sobre o morro. Mal comecei a falar, quando ela disse:

- Eu te vi ontem à noite subindo no Morro do Quilombo!
- Sério? E o que fazias por lá?
- Fui pra aula de capoeira.
- Aula de capoeira ali no morro? Onde que fica?
- É em um espaço que fica logo passando o rio.

Comentei que eu não conseguia parar de pensar no morro e que, em buscas rápidas pela internet, não tinha encontrado nada acerca da formação do lugar. Queria saber a origem desse nome. Ela me disse que, na próxima aula, perguntaria ao Gil, professor de capoeira e morador no morro. Na semana seguinte, ela me contou que Gil explicou que o nome era devido ao fato de ali ter sido realmente um quilombo no passado. O bairro fora construído em cima de mangues, por essa razão, por ser um espaço dificultoso de se adentrar, escravizados em fuga acharam ali um lugar de refúgio. Os brancos não sabiam se deslocar em um mangue.

Depois que soube da relação do morro com mangues, fugas e refúgios, pensava ainda mais sobre o lugar. Com o passar do tempo, mais dessa conexão foi chegando até mim.

O Mauricio chegou até mim com uma palavra: deslocamento. Não é apenas uma palavra que permeia o trabalho artístico dele, um daqueles conceitos que

envernizam uma poética. É algo que ele tem vivido intensamente no corpo há alguns anos.

Desde as nossas primeiras conversas, metade delas era sobre ideias, conceitos, referências teóricas, produção artística, coisas da universidade. A outra metade era sobre os desconfortos, mas também as potências, do corpo – *o dele* – em deslocamento. Um corpo negro num espaço dominado pela branquitude: não apenas a universidade, mas a universidade de um dos Estados mais brancos e fascistas do país; um corpo amazônida num circuito artístico dominado pelo Sudeste; um corpo da Região Norte na Região Sul, que se acha tão europeia a ponto de perpetuar as fantasias coloniais sobre o atraso civilizatório das regiões mais negras e indígenas do país. Escutando-o, outro corpo – *o meu* – também ia se deslocando. Como eu, mulher branca nascida no Sul, professora universitária, poderia criar algum tipo de parceria, algum tipo de vínculo com essas experiências? A branquitude sempre pressupõe que pode falar sobre tudo, e que será escutada. Esse foi o primeiro deslocamento: do lugar de sujeito do saber.

Quando a Grada Kilomba veio ao Brasil para falar sobre descolonização do conhecimento, ela disse, citando bell hooks, que o primeiro passo é juntar teoria com biografia:

> O que ela [bell hooks] fala é que, geralmente, o conhecimento que habita as instituições é um conhecimento violento, colonial, discriminatório. Ela começou a escrever porque queria que a escrita e a teoria fossem um lugar de pertencimento e libertação. Isso é descolonizar o conhecimento. Eu acho que descolonizar o conhecimento começa quando a biografia se junta à teoria e a teoria à biografia. (KILOMBA, 2016, s.p.).

Mauricio faz isso. O conhecimento que ele constrói com textos, imagens, performances e intervenções é um conhecimento autobioteórico. É um conhecimento gerado pelo encontro entre as particularidades do corpo dele e o corpo do mundo/dos outros, na medida em que vai se deslocando, ocupando espaços, produzindo fissuras. E o meu? O meu também. Pois todo conhecimento é biográfico. Todo conhecimento é particular. “Uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue, seu

posicionamento e ponto de vista particulares" (ANZALDÚA, 2021, p. 144). O problema é que a branquitude – em especial a universitária – não percebe isso e segue acreditando no delírio colonialista de que seu saber é universal, neutro, objetivo.

Olhamos para isso: o Mauricio com o corpo dele, a vida dele, eu com o meu, com a minha. Como, desde os solos em que nos firmamos, tão diferentes entre si, podemos encontrar encontro?

Logo ao descer o morro, há o centro de saúde do bairro e ao lado dele tem uma entrada que dá para a Avenida Madre Benvenuta, onde fica a Udesc e a principal área comercial do bairro. Achei essa passagem/beco curiosa desde a primeira vez em que a vi. Primeiro, fiquei receoso, pois estava de noite, escuro e com pouca movimentação, mas logo vi que era tranquilo transitar por ali. Ao lado dela, há um trecho de rio, que segue curso pelo canal. Quando cheguei aqui, ele era bem mais cheio e violento, agora está calmo. Passo por ali todos os dias e percebo como o seu humor varia bastante. Quando chove, fica alagado em boa parte do beco, por isso a maioria das pessoas sobe na mureta do canal para atravessar. Sempre que faço isso, penso que um leve desequilíbrio seria suficiente para eu cair no rio. Até hoje não caí.

Ao fim do beco há duas barras de metal. É preciso contorná-las para chegar ao outro lado. É assim que danço todos os dias. Porque é o que vejo: uma dança, nessa relação de chegar ao outro lado. Já vi gente com pressa que passa por baixo, já vi quem as pulasse, mas na maioria das vezes, quando uma pessoa vem do lado de cá e a outra do lado de lá, uma concede à outra o primeiro passo. É um aceno com a cabeça, com as mãos, às vezes recebo agradecimentos, sorrisos. Já houve uma senhora que quis dançar ao meu lado, nos apertamos e passamos ao mesmo tempo. Um passo, depois outro, ritmo ora acelerado, ora lento, espera sua vez, às vezes uma pessoa, às vezes em grupo. A dança como contorno junto ao outro.

Uma dança, essa relação de chegar ao outro.

Conceder o primeiro passo, acenar de longe, movimentar os ritmos, esperar sua vez.

O encontro como contorno junto ao outro.

O mais interessante é que encontrar Mauricio é encontrar outros encontros. Ele trabalha com isso: deslocar, encontrar. Lembro como ele contornou malandramente a questão dos objetivos da pesquisa, performando aquela linguagem chata da academia, mas dizendo, sem dizer, que não poderia dizer o que iria produzir, já que seus trabalhos surgiriam das experiências de seu corpo afro-amazônico deslocando-se para o Sul (objetivo geral: chegar aí e ver). Por acaso ele encontrou o Morro do Quilombo. Por acaso encontrou a casa amarela. Por acaso encontrou muitas pessoas e suas memórias sobre o morro e a casa.

Nada é tão acaso assim, já que classe e raça direcionam esses encontros: “os menores preços geralmente ficam nos morros”. Mas digo “por acaso” porque era assim que ele me contava: Debora, você não vai acreditar! Ontem tava no brechó e conheci uma mulher que..... Debora! Hoje peguei um ônibus e tinha um senhor que..... Debora, sabe a Isa? Adivinha onde ela já morou?.....

Acaso: o brilho que surge quando o imprevisível guia o caminho. Artista é quem consegue ver o brilho e transformá-lo em sentido.

Nos primeiros dias em que me mudei para o Quilombo, atravessava a rua quando dei de frente com uma mulher negra que tinha um cabelo black lindo. Ela acenou com os olhos e eu fiz o mesmo. No outro dia, nos esbarramos de novo; dessa vez ela acenou com a cabeça.

No dia seguinte, atravessando a rua em frente ao centro médico, nos encontramos novamente e dessa vez trocamos um bom dia. Agora há pouco, voltando do supermercado, nos esbarramos outra vez e ela rindo, disse: “a gente se encontra toda vez”, e ambos rimos enquanto continuamos a andar em direções opostas. Amanhã vou perguntar como ela se chama.

Curiosamente, depois que escrevi o texto acima, não a vi mais. Têm coisas que a gente não tem como achar, elas aparecem.

Passaram alguns dias e nos avistamos de longe, a vi atravessando a rua em minha direção. Acho que ela já tinha pensado o mesmo porque, assim que me viu, perguntou: como você se chama? Quando estávamos perto, também perguntei seu nome e percebi que não era uma mulher. Chamava-se Greg e ali, naquela breve conversa, descobrimos que morávamos na mesma rua, estudávamos na mesma universidade, ambos no Centro de Artes e, mesmo assim, nunca havíamos nos visto antes em outro lugar que não em rápidos e repetidos encontros pelas ruas. Em pouco tempo, nos tornamos amigos. Foi Greg quem me disse que a kitnet de baixo estava para alugar. Foi assim que conheci e me mudei para a casa amarela.

Um dia, precisei receber uma encomenda e perguntei a Paula, que morava com Greg, como fazer para entregarem ali. “Casa amarela dentro do beco”, ela respondeu, para colocar como complemento.







Imagens 1, 2 e 3 – *Jermannye, Jake e Zuri, Isadora*.
Parte da série *Casa amarela dentro do beco*, 2023.
Fonte: Mauricio Igor

[...]

É bem diferente porque eu sou de São Paulo, sou da capital. Eu sempre morei em subúrbio, mas nunca foi assim tão comunidade, aqui dá pra perceber uma diferença. As pessoas aqui se olham mais, se falam mais. Eu também já morei no centro de Floripa e é completamente diferente as pessoas e a formas como elas se ajudam, se apoiam. [Jake]

[...]

A relação aqui sempre foi tranquila, eu não saía muito pela vizinhança, conhecia mais o pessoal do mercado, o seu Sebastião, algumas pessoas aqui da rua, mas uma relação tranquila, tirando a polícia. A polícia quando sobe aqui é babado. [Jermannye]

[...]

Eu sempre usei aquele atalho porque na primeira vez que eu vim pra cá o Matheus, que foi o menino que me mostrou a casa, o filho do seu Sebastião, ele veio pelo atalho. Aí eu pensei: - ele é morador e veio por aqui, eu vou ser morador, eu vou vir por aqui também, e sempre usei, principalmente quando estava atrasado. É maravilhoso, parece que dava um axé assim, uma coisa no dia. [Jermannye]

[...]

Engraçado que eu agora a pouco falei nos meus stories sobre esse atalho, porque eu sempre usava, ele me trazia uma sensação de conforto, de paz, de tranquilidade. Sair de um conflito que é a universidade, naquela via conturbada, e acessar aquilo ali parece como um portal. Eu vim pensando: - nossa, eu vou passar por ali, relembrar o portal. Daí lembrei que não posso passar agora por ali porque eu me iniciei no candomblé, então não posso entrar em mata. Aí eu só passei na frente e peguei o arzinho fresco de lá. [Isadora]

[...]

Eu sentia um certo pertencimento, pelo fato do nome sabe, morro do quilombo. Aí a gente pára pra pensar que aqui era um quilombo. De certa forma ainda é, tem muita gente preta morando aqui. Eu sentia que eu enquanto pessoa preta e LGBT não estava à mercê de tantos olhares. Poderia ter olhar de estranhamento por alguma roupa que eu tivesse usando ou coisa assim, mas não olhar de racismo. Porque até as pessoas brancas daqui estão lidando com pessoas negras todos os dias. Eu tinha mais medo quando, por exemplo, eu ia na UFSC pra algum happy hour ou coisa assim e voltava andando. Eu vinha andando a Madre Benvenuta toda, de madrugada, ali eu sentia medo. Ficava pensando: -e se passa alguém aqui de carro e me leva pra qualquer lugar? Mas quando chegava na boca do morro eu ficava tranquilo. Pronto, aqui não me acontece mais nada. [Jermannye]

[...]

Sempre quando eu ia ali, que tinha a venda, eu olhava aquela árvore e achava muito majestosa, imponente, parecia que ela tava ali sendo uma entidade, e ela trazia pra mim essa expansão como se fosse um ser que tá protegendo o morro, muito ancestral. Eu via umas jacas caindo. Ela ficava muito alta né, então não dava pra pegar direito. [Isadora]

[...]

A casa na Jaqueira é bem no meio da floresta, aí a gente teve problema com aranha, com cobra, é muito borrachudo, é do lado da cachoeira. “Teve um tatu no forro” (Zuri acrescentou). [Jake]

[...]

Na real isso aí a gente aprende com os mais velhos, olhando, porque pra grande maioria das pessoas que nasceu no morro e se cria no morro, é quase aprender a andar, é natural. Você sobe o morro em zigue-zague pra não se cansar tão rápido, porque se você traçar uma linha reta você percebe que fica ofegante, aí esse zigue zague você vai parando nas extremidades e subindo em z, numa linha mais orgânica. [Isadora]

[...]

A gente morava em cima, dava pra ver os casarões, o pé de jaca e atrás era floresta, tanto que a nossa casa dava pra ouvir bastante a cachoeira, a gente acordava achando que estava chovendo, mas era a cachoeira. [Jake]

[...]

Eu fiquei até interessada, eu não reparei se aqui tem quilombo, eu imagino que não. Eu achei curioso porque aqui não tem tantas famílias de gerações antigas, famílias pretas, até onde eu alugava era de famílias brancas, acredito que aqui também. E aí chama morro do quilombo, mas a gente vê também muitas pessoas brancas. Sempre tive curiosidade, só não pesquisei. [Jake]

[...]

Os textos acima são transcritos de conversas com atuais e antigos moradores da casa amarela. Ouvi-los é também me reconhecer, pois em muitos pontos nossas experiências se entrecruzam, como na palavra “pertencimento”. A respeito de territórios negros em Florianópolis, Azânia Nogueira (2018), referenciando Renato Emerson dos Santos (2012), cita o Morro do Quilombo como um exemplo de toponímia da resistência: localidade que traz em seu nome alusão à história de pessoas negras. Portanto, há uma identificação territorial, a qual presenciamos neste espaço. É assim que outros moradores e eu nos sentimos fazendo parte de uma identidade coletiva que nos abraça dentro de nossa subjetividade.

Quando esteve em Portugal, com uma bolsa acadêmica na graduação, Mauricio fez uma série de retratos de imigrantes, a maioria negres, que moravam por lá. A metodologia era parecida. Driblando as hostilidades de morar na terra do

colonizador, ele se deslocava, conhecia pessoas por acaso e afinidade, escutava suas histórias, pedia para fotografá-las. Um tecido amarelo, que devia ser segurado por uma terceira pessoa ou mais, servia de fundo para as imagens. *Ouro…* foi o título que ele escolheu, para revelar seu valor, seu brilho, mas também sua extração e exploração[1].

Quando vi os retratos da casa amarela, lembrei imediatamente dessa série, que ele tinha me mostrado meses antes – é quase o mesmo tom de amarelo, apontei. Ele ficou surpreso, pois não tinha um desejo de continuidade. Simplesmente aconteceu de morar numa casa amarela, subdividida em várias casinhas menores, e se interessar por quem morava ali. Mistério nenhum. Teu trabalho é sobre aquilombamento? Sim, é sobre pessoas negras juntas se fortalecendo, ele me disse. É sobre perturbar o mundo da arte com as palavras de corpos vistos como periféricos, ele me disse. É sobre reverter as relações de poder que fazem do corpo negro um alvo em vez de gente, ele me disse. É sobre curar as feridas de uma memória violentada, ele me disse. É sobre mostrar que corpos negros sempre carregam seus antepassados, porque essas histórias são coletivas, ele me disse. Talvez os brancos não percebam a importância disso, ele me disse.

Quando li as conversas transcritas por Mauricio na íntegra – este ensaio traz apenas uma seleção de fragmentos do trabalho –, lembrei de Fred Moten, atento às discussões do Afropessimismo e ecoando a pergunta de Bob Marley para indagar se a pretitude poderia, afinal, ser amada. A preferência de Moten pelos termos *vida* e *otimismo*, em vez de *morte* e *pessimismo*, não configura uma falta de atenção – aliás, impossível – às condições sociais, políticas e afetivas precarizadas impostas às vidas negras. Trata-se de partir do esgotamento vivido nessas condições para recusar o esvaziamento da subjetividade. Abrir espaço para as *fantasias no porão*.

> Há fugas à imaginação no porão do navio: a fuga ordinária e a corrida fugitiva do laboratório de linguagens - palco de experimentos brutais das fonografias pretas. [...] Essa ilha contrapontista, na qual somos quilombolas à procura de quilombos, onde permanecemos em emergência sem Estado, é nosso estudo constante, movente, nossa célula dissolvida e nosso deslocamento suspenso, nosso

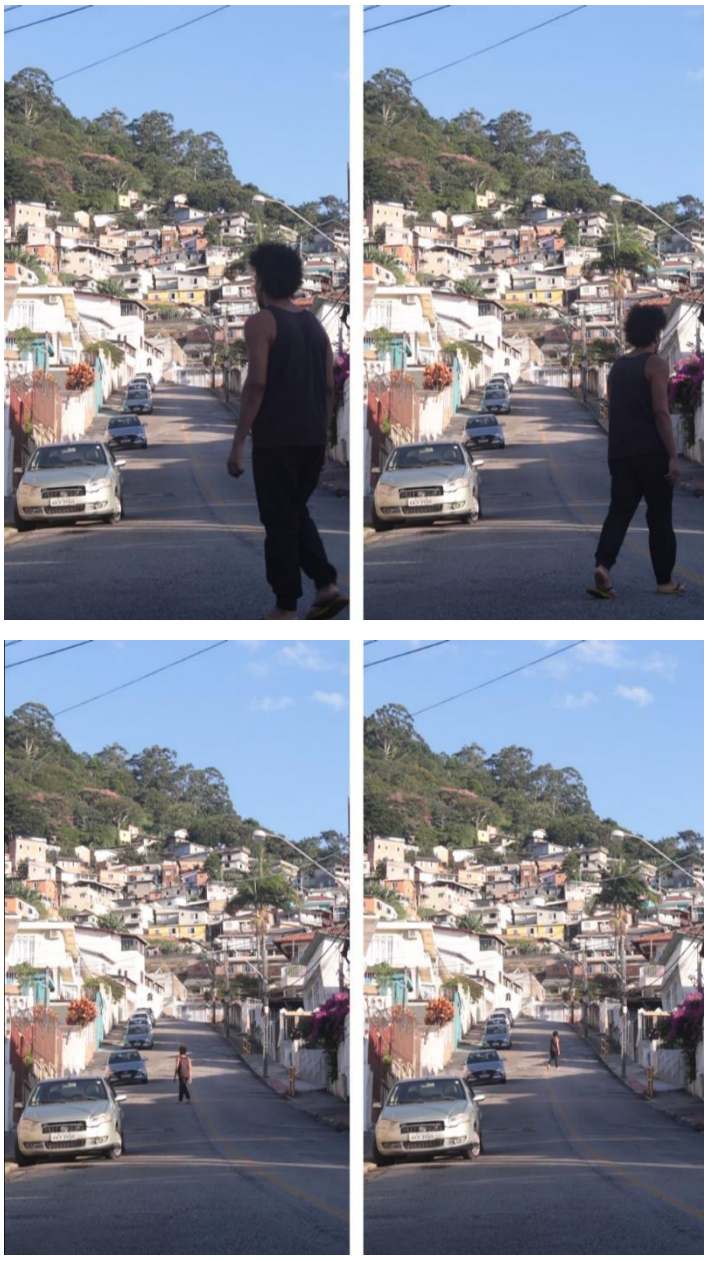
[1] O trabalho *Ouro* pode ser visto em: <https://www.mauricioigor.com/ouro>. Acesso em 02 de maio de 2023.

> posicionamento explodido e nossa capela lirada". (MOTEN, 2021, p. 139, 140).

A pretitude pode ser amada? Há alguém que queira escutar suas histórias? Há alguém que queira colocar suas imagens e memórias em uma galeria? em um museu? em um artigo? Esses espaços, sempre tão hostis aos corpos negros e periféricos, podem se interessar por suas vidas? Sem dúvida, há um fetichismo do sofrimento mascarado de protesto que faz sucesso tanto nas redes sociais quanto nos museus, o qual ativistas do Black Lives Matter têm chamado de pornografia da dor preta. É verdade que o mundo institucional da arte finalmente abriu algum espaço para grupos que excluía sistematicamente, mas, em contrapartida, quase impôs que suas obras retratassem a própria marginalização. Ou seja, que suas obras fossem feitas para o olhar branco, cishétero, classe média. Afinal, quem é preto, LGBT e pobre vive a violência diariamente e não precisa revê-la nas galerias. Acho que é por isso que o Mauricio decidiu não se fixar em uma poética da dor. Alguns de seus trabalhos reverberam dor e apagamento – e não me surpreende que estes sejam os mais reconhecidos –, mas há outros que trazem as dimensões mais afrontosas, cômicas, criativas e vibrantes das pessoas que encontra – pessoas marginalizadas, sim, mas que não se reduzem a isso.

Abrir espaço para as fantasias, os afetos, as delicadezas das memórias – que nem por isso deixam de carregar a dor e a consciência sempre viva da opressão – das pessoas da casa amarela dentro do beco no Morro do Quilombo é uma forma de resistência centrada na celebração da vida, na abundância do encontro. E, como afirma Tatiana Nascimento, quilombo é isso:

> assim como temos muito contra o que resistir pra sobreviver a partir da força, temos muito de fartura, abundância, sabedoria, devaneio, conexão ancestral que nos permite viver a partir da graça. a experiência dos quilombos retomava essa vastidão. os primeiros quilombos foram sistemas organizacionais complexos com produção cultural, convivência interracial, trocas de saberes, sistemas decisórios diversos, porque, sim, a fuga e a resistência eram uma parte do rolet: muitas vezes, o começo. todo o resto era a manutenção da vida cotidiana nas primeiras sociedades livres e bastante horizontais dum país fundado em racismo, sexismo, exploração trabalhista, extermínio étnico. escravização. mais que "grupos de escravos fugidos", os primeiros quilombos se constituíram como terras de pessoas livres. (NASCIMENTO, 2018, s.p.).



Imagens 4 e 5 – *O morro se sobe em zigue-zague*, 2023.
Fonte: Mauricio Igor (registros de Monique Burigo).

– Você já subia o morro em zigue-zague?

– Não, ouvi falar naquele dia, em uma de suas aulas que eu acompanhava durante o estágio docência, quando a Isa comentou que aprendeu com sua mãe que o morro se sobe em zigue-zague. Eu também já havia conversado com alguns moradores e

começado a pensar o Morro do Quilombo e seu histórico permeado por mangues, fugas e resistências. Somado a isso, segundo alguns pesquisadores, durante as fugas alguns ex escravizados zigue-zagueavam nas florestas para despistar os capitães-do-mato. Tal prática também aparece na conhecida canção Escravos de Jó, na qual um dos trechos apresenta que “guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá”. Essas reflexões me levaram a pensar sobre a cidade de Florianópolis, quem mora em cima e quem mora em baixo.

Depois que consegui uma bicicleta, passei a pedalar quase todos os dias e encontrei um grupo de pessoas que jogavam vôlei ali na Beira-Mar. Foi convivendo com as pessoas ali que conheci os morros do centro; tem quem mora no Morro da 25, no Morro da Cruz, no Morro da Mariquinha... Pensar sobre esses morros me fez lembrar de Valda Costa, pintora negra da cidade que atuou nos anos de 1970 e 1980 e, na adolescência, se mudou para o Morro do Mocotó, na área central, de onde surgiu inspiração para muitas de suas obras.

Gravei, então, um primeiro vídeo aqui no Morro do Quilombo, depois outro na Rua Clemente com o Morro da Mariquinha no fundo e outro no pé de uma das entradas deste mesmo morro. Em todos eu subia até que desaparecesse no vídeo. No último, assim que terminei, estava um pouco ofegante e parei. Quando olhei pra cima, vi uma senhora de camisa roxa, vagarosamente, subindo ainda mais o morro em zigue-zague.

– O zigue zague é um tipo de drible, não acha? Por isso considero muito potente quando você coloca o zigue-zague como tecnologia ancestral de drible, seja ao cansaço ou à perseguição. Lembra a cosmopoética do refúgio do Dénètem Touam Bona (2020), quando ele parte das fugas e aquilombamentos para pensar um modelo de resistências furtivas aos dispositivos de controle do capitalismo. Pois, realmente, atacar em terreno aberto, hoje, é se expor demais à captura. É mais estratégico estudar as táticas furtivas, como o zigue-zague, enquanto método de resistência e também de existência – porque, além de fugir, as pessoas desejam viver. Por isso Bona também mira nas experiências poéticas de reimaginação do mundo e da vida.

– Sim, penso muito sobre isso: a importância de narrar os nossos cotidianos como forma de celebrar e de não esquecer nossa existência. Além de *Casa amarela dentro do beco*, outra produção também segue esta linha de pensamento: *Januário*.

Perto do beco onde fica a casa, subindo um pouco à esquerda, há uma árvore grande, antiga, como uma anciã que muito já viu e tem valorosas experiências a nos contar. É o pé de jaca, o mesmo que apareceu em algumas das conversas com moradores, escritas acima. Ali já foi casa de um ex escravizado, segundo Ogawa, citando relatos orais acerca da ocupação do morro:

> quando eu vim pra aqui, que saí do Exército, eu conheci, era de cinco preto. Isso aqui era dos escravos. O senhor deles chamava Zézinho de Lacerda. Aí vendeu o terreno pro Hercílio Luz. Aí ia embora. Então deu uma parte do meio pra cá, onde o governo não quis, deu pros preto. Ali morava um, o Januário, debaixo do pé de Jaca. Ele morava de baixo, ainda ele botava uma cadeira e ficava de baixo da árvore. E contava história pra nós... (OGAWA, 2012, p. 28).

Ponderando sobre memórias, existências, tempo e presença colei a imagem de uma cadeira em frente ao pé de jaca, hoje parte de uma propriedade privada. Imagino quais histórias Januário teria para nos contar. Alguém que provavelmente ziguezagueou muito, pois tem sido assim nosso movimento para continuar: tentamos criar atalhos para encurtar as distâncias, a nós tão discrepantes, e o drible para, no gingar do corpo, ludibriar as adversidades.

– Você me disse que corpos negros sempre carregam seus antepassados. Acho que também carregam seus descendentes... narrar o passado e compartilhar memórias têm a ver com um desejo de futuro.

– São os encontros que nos movem. Também são eles que mexem ao redor. Tudo isso me trouxe aqui ao morro, à casa amarela, à Januário... Tudo isso me mostra a ficar atento às guias e ao que nos apontam; perceber e sentir que nada é por acaso.



Imagem 6 – *Januário*, 2023.

Fonte: Mauricio Igor.



Referências:

ANZALDÚA, Glória. *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

KILOMBA, Grada. "Descolonizando o conhecimento". Palestra-performance realizada em março de 2016 no CCSP – Centro Cultural São Paulo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs

MOTEN, Fred. "Ser prete e ser na da (misticismo na carne)". Em: SPILLERS H. J. et al. *Pensamento negro radical: antologia de ensaios*. São Paulo: Crocodilo e N-1 Edições, 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. *Da palavra queerlombo ao cuirlombo da palavra*. Palavra preta, 2018. Disponível em: https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. *Territórios negros em Florianópolis*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Geografia, Florianópolis, 2018.

OGAWA, André Eitti. *Contemplando Itacorubis: Memórias da transformação de um lugarejo na segunda metade do século XX*. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em história) - Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

Entrevistas

JERMANNYE. Entrevista a Mauricio Igor em 14 de março de 2023. Acervo em áudio do autor.

MONTEIRO, Jake. Entrevista a Mauricio Igor em 11 de março de 2023. Acervo em áudio do autor.

SOUZA, Isadora. Entrevista a Mauricio Igor em 14 de março de 2023. Acervo em áudio do autor.